

MARIO BENEDETTI

a trégua



cavallo de ferro

*A minha mão direita é uma andorinha
A minha mão esquerda é um cipreste
A minha cabeça pela frente é um senhor vivo
E por detrás é um senhor morto.*

VICENTE HUIDOBRO

Segunda-feira, 11 de Fevereiro

Só me faltam seis meses e vinte e oito dias para me poder reformar. Devo fazer esta conta diária do meu saldo de trabalho há cinco anos. Preciso mesmo tanto de ócio? Digo a mim próprio que não, que não é do ócio que eu preciso, mas sim do direito a trabalhar naquilo que quero. Por exemplo? O jardim, talvez. É bom como descanso activo para os domingos, para contrabalançar a vida sedentária e também como defesa secreta contra a minha futura e garantida artrite. Mas temo que não poderia suportá-lo diariamente. A guitarra, talvez. Julgo que gostaria disso. Mas deve ser um pouco desolador começar a estudar solfejo aos quarenta e nove anos. Escrever? Talvez não o fizesse mal, pelo menos as pessoas costumam apreciar as minhas cartas. E o que ganharia com isso? Imagino uma notinha bibliográfica sobre os «plausíveis valores deste novo autor que raia os cinquenta» e essa mera possibilidade repugna-me. Que eu me sinta, ainda hoje, ingénuo e imaturo (quero dizer, só com os defeitos da juventude e quase nenhuma das suas virtudes) não significa que tenha direito a exhibir essa ingenuidade e essa imaturidade. Tive uma prima solteirona que quando fazia uma sobremesa a mostrava a todos, com um sorriso melancólico e pueril que lhe tinha ficado preso nos lábios desde a época em que fazia efeito junto do seu namorado motociclista, que depois se matou numa das nossas tantas Curvas da Morte. Ela vestia-se correctamente, em absoluto acordo

com os seus cinquenta e três anos; nisso, e no resto, era discreta e equilibrada, mas aquele sorriso reclamava em troca um acompanhamento de lábios frescos, de pele roçagante, de pernas torneadas, de vinte anos. Era um gesto patético, só isso, um gesto que nunca chegava a parecer ridículo porque, além disso, naquele rosto havia bondade. Quantas palavras, só para dizer que não quero parecer patético.

Sexta-feira, 15 de Fevereiro

Para render sofrivelmente no escritório, tenho de me obrigar a não pensar que o ócio está relativamente próximo. Se fizer o contrário, os meus dedos crispam-se e a letra redonda com que devo escrever as rubricas principais sai-me quebrada e sem elegância. A letra redonda é um dos meus melhores truques como funcionário. Além disso, devo confessá-lo, dá-me prazer o traçado de algumas letras como o M maiúsculo ou o b minúsculo, nas quais me permiti introduzir algumas inovações. O que menos odeio é a parte mecânica e rotineira do meu trabalho, como voltar a passar um assento que já redigi milhares de vezes, fazer um balanço de saldos e concluir que está tudo em ordem, que não há diferenças a constatar. Esse tipo de trabalho não me cansa, porque me permite pensar noutras coisas e até (porque não dizê-lo a mim próprio) sonhar. É como se me dividisse em dois seres diferentes, contraditórios, independentes, um que sabe o seu trabalho de cor, que domina ao máximo as suas variantes e subterfúgios, que está sempre certo do chão que pisa, e outro, sonhador e febril, frustradamente apaixonado, um tipo triste que, porém, teve, tem e terá uma vocação para a alegria, um distraído a quem não importa por onde corre a pluma nem o que é que escreve a tinta azul, a qual, passados oito meses, ficará negra.

No meu trabalho, o insuportável não é a rotina; é o problema novo, o pedido inesperado dessa Direção fantasma que se esconde atrás das actas, das disposições e dos presentes em dinheiro, a urgência com que se reclama uma informação, uma análise, ou uma previsão de recursos. Então sim, como se trata de algo mais do que rotina, as minhas duas metades têm de trabalhar para a mesma coisa, já não posso pensar aquilo que quero e a fadiga instala-se nas minhas costas e na nuca, como um parche poroso. Que me importam os lucros prováveis da rubrica Cavilhas de Pistão no segundo semestre do penúltimo exercício? Que me importa o modo mais prático de conseguir o abatimento dos Gastos Gerais?

Hoje foi um dia feliz; apenas rotina.

Segunda-feira, 18 de Fevereiro

Nenhum dos meus filhos se parece comigo. Em primeiro lugar, todos têm mais energia do que eu, parecem sempre mais decididos, não estão acostumados a duvidar. Esteban é o mais intratável. Ainda não sei a quem se dirige o seu ressentimento, mas é certo que parece ressentido. Creio que me tem respeito, mas nunca se sabe. Jaime talvez seja o meu preferido, embora quase nunca consiga entender-me com ele. Parece-me sensível, parece-me inteligente, mas não me parece fundamentalmente honesto. É evidente que há uma barreira entre ele e eu. Por vezes, creio que me odeia, outras, que me admira. Blanca, pelo menos, tem algo em comum comigo: também é uma pessoa triste com vocação de alegre. Quanto ao resto, é demasiado ciosa da sua própria vida, impermutável, para partilhar comigo os seus problemas mais árdus. É quem está mais tempo em casa e talvez se sinta um pouco escrava da nossa desordem, das nossas dietas, da nossa roupa suja. As suas relações

com os irmãos ficam, por vezes, à beira da histeria, mas consegue dominar-se e, além disso, sabe dominá-los.

Talvez, no fundo, gostem bastante uns dos outros, embora essa questão do amor entre irmãos traga consigo a quota de exasperação mútua que o costume outorga. Não, não se parecem comigo. Nem sequer fisicamente. Esteban e Blanca têm os olhos de Isabel. Jaime herdou dela a testa e a boca. O que é que pensaria Isabel se pudesse vê-los hoje, preocupados, activos e maduros? Tenho uma pergunta melhor: o que é que eu pensaria, se hoje pudesse ver Isabel? A morte é uma tediosa experiência; para os outros, sobretudo para os outros. Eu deveria sentir-me orgulhoso por ter ficado viúvo com três filhos e ter seguido em frente. Não me sinto orgulhoso mas sim cansado. O orgulho é para quando temos vinte ou trinta anos. Seguir em frente com os meus filhos era uma obrigação, o único escape para que a sociedade não me encarasse e me dedicasse o olhar inexorável que dedica aos pais desalmados. Não havia outra solução e segui em frente. Mas tudo foi demasiado obrigatório para que eu pudesse sentir-me feliz.

Terça-feira, 19 de Fevereiro

Às quatro da tarde senti-me, de repente, insuportavelmente vazio. Tive de pegar no casaco de alpaca e avisar o departamento de Pessoal que tinha de passar pelo Banco República para tratar daquele assunto do envio. Mentira. Aquilo que eu já não suportava mais era a parede que está à minha frente no escritório, a horrível parede absorvida por aquele tremendo calendário com um Fevereiro consagrado a Goya. Que faz Goya nesta velha casa importadora de sobressalentes de automóveis? Não sei o que se teria passado se tivesse continuado a olhar para o calendário como um imbecil. Talvez tivesse gritado ou começado uma das minhas habituais séries de espirros

alérgicos ou, simplesmente, tivesse emergido nas bonitas páginas do Maior. Porque já aprendi que os meus estados de pré-explosão nem sempre conduzem à explosão. Às vezes terminam numa lúcida humilhação, numa aceitação irremediável das circunstâncias e das suas diferentes e agravantes pressões. No entanto, gosto de me convencer de que não me devo permitir explosões, de que devo refreá-las radicalmente, sob pena de perder o meu equilíbrio. Então saio, como saí hoje, numa encarniçada procura de ar livre, do horizonte, de quem sabe quantas coisas mais. Bom, por vezes não chego ao horizonte e limito-me a instalar-me à janela de um café e a registar a passagem de algumas belas pernas. Estou convencido de que durante as horas de expediente a cidade é diferente. Eu conheço a Montevideu dos homens com horários, dos que entram às oito e meia e saem às doze, dos que regressam às duas e meia e que se vão embora definitivamente às sete. Com aqueles rostos crispados e suados, com aqueles passos urgentes e trôpegos; eles e eu somos velhos conhecidos. Mas existe outra cidade, a das presumidas frescas que saem a meio da tarde, recém-saídas do banho, perfumadas, depreciativas, optimistas, brincalhonas; a dos filhos da mamã que acordam ao meio-dia e às seis da tarde ainda têm a branca gola de tricolina importada impecável; aquela dos velhos que tomam o autocarro até à Alfândega e regressam logo a seguir, sem descerem, reduzindo a sua módica farra apenas ao olhar reconfortante com que percorrem a Cidade Velha das suas nostalgias; a das mães jovens que nunca saem de noite e entram no cinema com cara de culpadas, por volta das 15h30; aquela das amas-secas que denigrem as suas patroas enquanto as moscas comem as crianças; aquela dos reformados e importunos variados, por fim, que crêem ganhar o seu céu dando migas aos pombos da praça. Esses são os meus desconhecidos, por agora, pelo menos. Estão instalados demasiado

comodamente na vida e, entretanto, eu fico neurasténico perante um calendário com o mês de Fevereiro consagrado a Goya.

Quinta-feira, 21 de Fevereiro

Esta tarde, quando vinha do escritório, um bêbedo deteve-me na rua. Não protestou contra o governo, nem disse que ele e eu éramos irmãos, nem tocou nenhum dos temas da bebedeira universal. Era um bêbedo estranho, com uma luz especial nos olhos. Pegou-me num braço e disse-me, quase a apoiar-se em mim: «Sabes o que se passa contigo? Não vais a lado nenhum.» Outro tipo que passou nesse instante olhou para mim com uma alegre dose de compreensão e até me consagrou um esgar de solidariedade. Mas já há quatro horas que estou inquieto, como se não fosse realmente a lado nenhum e só agora me tivesse inteirado disso.

Sexta-feira, 22 de Fevereiro

Quando me reformar, creio que deixarei de escrever este diário porque então irão, sem dúvida, passar-se muito menos coisas comigo do que agora e vai revelar-se insuportável sentir-me tão vazio e deixar disso uma prova escrita. Quando me reformar, talvez o melhor seja abandonar-me ao ócio, a uma espécie de modorra compensatória, a fim de que os nervos, os músculos e a energia relaxem pouco a pouco e se habituem a morrer bem. Mas não. Há momentos em que tenho e mantenho a luxuosa esperança de que o ócio seja algo pleno, rico, a última oportunidade de me encontrar a mim próprio. E isso, sim, valeria a pena anotar.

Sábado, 23 de Fevereiro

Hoje almocei sozinho, no Centro. Quando estava a passar por Mercedes, cruzei-me com um tipo vestido de castanho. Primeiro, esboçou um cumprimento. Devo ter olhado para ele com curiosidade, porque o homem se deteve e, vacilando um bocado, estendeu-me a mão. Não era uma cara desconhecida. Era qualquer coisa como a caricatura de alguém que eu, noutra época, teria visto com frequência. Apertei-lhe a mão, murmurando desculpas e confessando, de algum modo, a minha perplexidade. «Martín Santomé?», perguntou, mostrando uma dentadura devastada no sorriso. Martín Santomé, claro, mas o meu desconcerto era cada vez maior. «Não te lembras da rua Brandzen?» Bom, não muito bem. Passaram cerca de trinta anos desde então e eu não sou famoso pela minha memória. Naturalmente, quando era solteiro, eu vivi na rua Brandzen, mas, mesmo que me moessem de pancada, não conseguiria dizer como era a fachada da casa, quantas varandas tinha, quem vivia ao lado. «E do café da rua Defesa?» Agora sim, a névoa dissipou-se um bocado e vi, por um instante, o ventre, com um largo cinturão, do galego Alvarez. «Claro, claro», exclamei, iluminado. «Bom, sou o Mario Vignale.» Mario Vignale? Não me recordo, juro que não me recordo. Mas não tive coragem para o confessar. O tipo parecia tão entusiasmado com o encontro... Disse-lhe que sim, que me desculpasse, que eu era um péssimo fisionomista, que a semana passada me tinha encontrado com um primo e não o tinha reconhecido (mentira). Naturalmente, era preciso tomar um café, de modo que me arruinou a sesta de sábado. Duas e um quarto. Obstinou-se a reconstruir-me pormenores, a convencer-me de que tinha participado na minha vida. «Até me lembro da tortilha de alcachofras que a tua velha fazia. Sensacional. Eu ia sempre às onze e meia, para ver se me convidava para almoçar.»

E lançou uma tremenda risada. «Sempre?», perguntei-lhe, ainda desconfiado. Então sofreu um acesso de vergonha: «Bom, fui umas três ou quatro vezes.» Então, qual era a porção de verdade? «E a tua velha, está boa?» «Morreu há quinze anos.» «Caramba. E o teu velho?» «Morreu há dois, em Tacuarembó. Estava a viver em casa da minha tia Leonor.» «Devia estar velho.» Claro que devia estar velho. Meu Deus, que aborrecimento. Só então formulou a pergunta mais lógica: «Pá, sempre te casaste com a Isabel?» «Sim, e tenho três filhos», respondi, atalhando. Ele tem cinco. Que sorte. «E como está a Isabel? Continua bonita?» «Morreu», disse eu, pondo a cara mais imperscrutável do meu repertório. A palavra soou como um disparo e ele – menos mal – ficou desconcertado. Apressou-se a tomar o terceiro café e depois olhou para o relógio. Há uma espécie de reflexo automático nisso de falar da morte e olhar em seguida para o relógio.

Domingo, 24 de Fevereiro

Não há nada a fazer. O encontro com Vignale deixou-me uma obsessão: recordar Isabel. Não se trata de recuperar a sua imagem através das anedotas familiares, das fotografias, de algum traço de Esteban ou de Blanca. Conheço todos os seus dados, mas não quero sabê-los em segunda mão, sem os recordar directamente, vê-los com todo o detalhe à minha frente, tal como vejo agora a minha cara ao espelho. E não consigo. Sei que tinha olhos verdes, mas não consigo sentir-me perante o seu olhar.

Segunda-feira, 25 de Fevereiro

Vejo pouco os meus filhos. Os nossos horários nem sempre coincidem e os nossos planos ou interesses ainda menos. São correctos comigo, mas como são, além do mais, tremendamente reservados, a sua correcção parece sempre o cumprimento de um dever. Esteban, por exemplo, está constantemente a conter-se para não discutir as minhas opiniões. Será a simples distância entre gerações que nos separa, ou poderia eu fazer algo mais para comunicar com eles? De um modo geral, vejo-os mais incrédulos do que desatinados, mais concentrados do que eu era com a idade deles.

Hoje jantámos juntos. Provavelmente há cerca de dois meses que não estávamos todos presentes num jantar de família. Perguntei, em tom de brincadeira, qual era o acontecimento que estávamos a festejar, mas não houve eco. Blanca olhou para mim e sorriu, como que para me informar que compreendia as minhas boas intenções e nada mais. Pus-me a observar quais eram as escassas interrupções do silêncio habitual. Jaime disse que a sopa estava insossa. «Tens aí o sal, a dez centímetros da tua mão direita», respondeu Blanca e acrescentou, mordaz: «Queres que to passe?» A sopa estava insossa. É verdade, mas qual é a necessidade? Esteban informou que, a partir do próximo semestre, o nosso aluguer subirá oitenta pesos. Como todos contribuímos, a coisa não é muito grave. Jaime pôs-se a ler o jornal. Parece-me ofensivo que as pessoas leiam quando estão à refeição com a família. Disse-lhe isto. Jaime deixou o jornal, mas foi como se tivesse continuado a lê-lo, já que se manteve mal-humorado, distraído. Relatei o meu encontro com Vignale, tentando fazê-lo parecer ridículo para trazer um pouco de animação ao jantar. Mas Jaime perguntou: «Que Vignale é esse?» «Mario Vignale.» «Um tipo meio careca, de bigode?» Ele mesmo. «Eu conheço-o. Bela peça», comentou Jaime, «é companheiro do Ferreira. Um corrupto

nojento». No fundo, agrada-me que Vignale seja uma porcaria, assim não terei escrúpulos em livrar-me dele. Mas Blanca perguntou: «Então, lembrava-se da mamã?» Pareceu-me que Jaime ia dizer qualquer coisa, creio que mexeu os lábios, mas decidi ficar calado. «Que bom para ele», acrescentou Blanca, «eu não me lembro». «Eu, sim», afirmou Esteban. Como se lembrará dela? Como eu, com lembranças de lembranças, ou directamente, como quem vê a própria cara ao espelho? Será possível que ele, que só tinha quatro anos, conserve uma sua imagem e que a mim, pelo contrário, que tenho gravadas tantas noites, tantas noites, tantas noites, não me reste nada? Fazíamos amor às escuras. Será por isso. De certeza que é por isso. Tenho uma memória táctil dessas noites e essa, sim, é directa. Mas e o dia? Durante o dia não estávamos às escuras. Chegava a casa cansado, cheio de problemas, talvez raivoso com a injustiça dessa semana, desse mês.

Às vezes, fazíamos contas. Nunca chegava. Talvez vissemos demasiado os números, as somas, as diferenças, e não tivéssemos tempo de olhar um para o outro. Onde quer que ela esteja, se é que está, que recordações terá de mim? Afinal, a memória importa para alguma coisa? «Às vezes, sinto-me infeliz, só por não saber de que é que tenho saudades», murmurou Blanca, enquanto repartia os pêssegos em calda. Tocaram-nos três e meio a cada um.

Quarta-feira, 27 de Fevereiro

Hoje entraram no escritório sete empregados novos: quatro homens e três mulheres. Tinham umas esplêndidas caras de susto e de vez em quando dirigiam aos veteranos uma olhadela de respeitosa inveja. A mim foram-me adjudicados dois novatos (um de dezoito e outro de vinte e dois) e uma rapariga de vinte e quatro anos. Deste modo, agora sou um chefe:

tenho nada menos do que seis empregados às minhas ordens. Pela primeira vez, uma mulher. Sempre desconfiei delas para os números. Além disso, há outro inconveniente: durante os dias do período menstrual e até nas suas vésperas, se são normalmente espertas, tornam-se um bocado tontas; se são normalmente um bocado tontas, tornam-se totalmente imbecis. Estes «novos» que entraram não parecem maus. O de dezoito anos é aquele que me agrada menos. Tem um rosto sem força, delicado e um olhar fugidio e, por vezes, adulator. O outro é um eterno despenteado, mas tem um ar simpático e (por agora, pelo menos) evidentes ganas de trabalhar. A rapariga não parece ter tanta vontade, mas pelo menos percebe o que uma pessoa lhe explica; além disso, tem a testa larga e a boca grande, dois traços que geralmente me causam boa impressão. Chamam-se Alfredo Santini, Rodolfo Sierra e Laura Avellaneda. A eles, vou pô-los com os livros de inventário, e a ela, com o Auxiliar do Balanço.

Quinta-feira, 28 de Fevereiro

Esta noite conversei com uma Blanca quase desconhecida para mim. Estávamos sozinhos, depois do jantar. Eu lia o jornal e ela fazia uma paciência. Ficou imóvel de repente, com uma carta no ar, e o seu olhar era ao mesmo tempo perdido e melancólico. Vigiei-a durante alguns instantes; depois, perguntei-lhe em que é que estava a pensar. Então, pareceu acordar, dirigiu-me um olhar desolado e, sem conseguir conter-se, escondeu a cabeça entre as mãos, como se não quisesse que profanassem o seu pranto. Quando uma mulher chora à minha frente, torno-me indefeso e, além disso, desajeitado. Fico desesperado, não sei como remediar isso. Desta vez, segui um impulso natural, levantei-me, aproximei-me dela e comeci a acariciar-lhe a cabeça, sem pronunciar palavra. Pouco a pouco, foi-se

acalmando e as convulsões do choro espaçaram-se. Quando, por fim, baixou as mãos, com a metade não usada do meu lenço sequei-lhe os olhos e assoei-lhe o nariz. Nesse momento, não parecia uma mulher de vinte e três anos, mas sim uma criança, momentaneamente infeliz porque uma boneca se partiu ou porque não a levaram ao jardim zoológico. Perguntei-lhe se se sentia infeliz e ela respondeu que sim. Perguntei-lhe o motivo e ela disse que não sabia. Não estranhei muito. Por vezes, eu próprio me sinto infeliz sem um motivo concreto. Contrariando a minha própria experiência, afirmei: «Oh, alguma razão terá de haver. Não se chora por nada.» Então começou a falar atabalhoadamente, impelida por um desejo repentino de franqueza: «Tenho a horrível sensação de que o tempo passa e não faço nada e nada acontece, e nada me comove profundamente. Olho para o Esteban e para o Jaime e tenho a certeza de que eles também se sentem infelizes. Às vezes (não te escandalizes, papá) também olho para ti e penso que não queria chegar aos cinquenta anos e ter a tua tempera, o teu equilíbrio, simplesmente porque os acho chatos, gastos. Sinto-me com uma grande disponibilidade de energia e não sei em que empregá-la, não sei o que fazer com ela. Creio que te resignaste a ser opaco e isso parece-me horrível, porque eu sei que não és opaco. Pelo menos, não eras.» Respondi-lhe (que outra coisa poderia dizer-lhe?) que tinha razão, que fizesse o possível para sair de perto de nós, da nossa órbita, que gostaria muito de a ouvir gritar esse inconformismo, que parecia estar a ouvir um grito meu, de há muitos anos. Então sorriu, disse que eu era muito bom e lançou-me os braços ao pescoço, como antes. Ainda é uma criança.

Sexta-feira, 1 de Março

O gerente chamou os cinco chefes de secção. Durante três quartos de hora falou-nos do baixo rendimento do pessoal. Disse que a Direcção lhe tinha feito chegar uma observação nesse sentido e que no futuro não estava disposto a tolerar que, por causa da nossa negligência (como gosta de sublinhar «negligência»), a sua posição se visse gratuitamente afectada. Sendo assim, de agora em diante, etc., etc.

A que é que chamarão «baixo rendimento»? Eu posso dizer, pelo menos, que a minha gente trabalha. E não somente os novos, também os veteranos. É certo que Méndez lê romances policiais que acondiciona habilmente na gaveta do meio da sua secretária, enquanto a sua mão direita empunha uma caneta sempre atenta à entrada de algum superior hierárquico. É certo que Muñoz aproveita as suas idas às Finanças para sonegar à empresa vinte minutos diante de uma cerveja. É certo que quando Robledo vai à casa de banho (exactamente às dez e um quarto) leva escondido debaixo do guarda-pó o suplemento a cores ou a página dos desportos. Mas também é certo que o trabalho está sempre em dia e que nas horas em que o expediente aperta e a bandeja da Caixa viaja sem cessar, repleta de impressos, todos se empenham e trabalham com verdadeiro sentido de equipa. Na sua reduzida especialidade, cada um é um perito e eu posso confiar plenamente em que as coisas se estão a fazer bem.

Na realidade, eu sei bem qual era o alvo do gerente. A «Expedição» trabalha com lentidão e faz mal a sua tarefa. Hoje, todos sabíamos que a arenga era para Suárez, mas então para quê chamar-nos a todos? Que direito tem Suárez a que partilhe-mos a sua culpa exclusiva? Será que o gerente sabe, como todos nós, que Suárez dorme com a filha do presidente? Não está mal, a Lidia Valverde.

Sábado, 2 de Março

Ontem à noite, passados trinta anos, voltei a sonhar com os meus encapuçados. Quando eu tinha quatro anos, ou talvez menos, comer era um pesadelo. Então, a minha avó inventou um método realmente original para que eu engolisse sem problemas de maior a papa desfeita. Envergava um enorme impermeável do meu tio e colocava o capuz e uns óculos negros. Com esse aspecto, aterrorizador para mim, vinha bater à minha janela. Então, a criada, a minha mãe e uma das minhas tias faziam coro: «Aí está don Policarpo!» Don Policarpo era uma espécie de monstro que castigava os meninos que não comiam. Cravado no meu próprio terror, o resto das minhas forças chegava para mover as minhas mandíbulas a uma velocidade incrível e acabar desse modo com o insosso e abundante puré. Era cómodo para todos. Ameaçar-me com don Policarpo equivalia a premir um botão quase mágico. Por fim, tinha-se convertido numa famosa diversão. Quando chegava uma visita, traziam-na ao meu quarto para que assistisse aos graciosos pormenores do meu pânico. É curioso como às vezes se pode chegar a ser tão inocentemente cruel. Porque, além do susto, estavam as minhas noites, as minhas noites cheias de encapuçados silenciosos, espécie *rara* de Policarpós que se encontravam sempre de costas, rodeados de uma espessa bruma. Apareciam invariavelmente em fila, como se esperassem a sua vez para entrarem no meu medo. Nunca pronunciavam palavra, mas moviam-se pesadamente numa espécie de balanço intermitente, arrastando as suas escuras túnicas, todas iguais, já que nisso tinha ido parar o impermeável do meu tio. Era curioso: no meu sonho sentia menos horror do que na realidade. E, à medida que passavam os anos, o medo ia-se convertendo em fascinação. Com esse olhar absorto que uma pessoa costuma ter por baixo das pálpebras do sono, eu assistia, como se estivesse hipnotizado, à cena

cíclica. Às vezes, sonhando outro sonho qualquer, eu tinha uma obscura consciência de que teria preferido sonhar com os meus Policarpos. E uma noite vieram pela última vez. Formaram a sua fila, balançaram-se, guardaram silêncio e, como de costume, esfumaram-se. Durante muitos anos, dormi com uma inevitável inquietação, com uma sensação de espera quase doentia. Às vezes, adormecia decidido a encontrá-los, mas só conseguia criar a bruma e, em raras ocasiões, sentir as palpitações do meu antigo medo. Só isso. Depois fui perdendo também essa esperança e cheguei, sem me aperceber, à época em que comecei a contar aos estranhos o argumento fácil do meu sonho. Também cheguei a esquecê-lo. Até ontem à noite. Ontem à noite, quando estava mesmo no meio de um sonho mais vulgar que pecaminoso, todas as imagens se esbateram e apareceu a bruma, e no meio da bruma, todos os meus Policarpos. Sei que me senti indizivelmente feliz e horrorizado. No entanto, agora, se me esforço um bocado, consigo reconstruir um pouco daquela emoção. Os Policarpos, os indeformáveis, eternos, inócuos Policarpos da minha infância, tomaram balanço e, de repente, fizeram algo totalmente imprevisto. Pela primeira vez voltaram-se, só por um momento, e todos eles tinham o rosto da minha avó.

Terça-feira, 12 de Março

É bom ter uma empregada inteligente. Hoje, para experimentar Avellaneda, expliquei-lhe de uma só vez tudo o que diz respeito à revisão de contas. Enquanto eu falava, ela foi tomando notas. Quando concluí, disse: «Olhe, senhor, creio que percebi tudo relativamente bem, mas tenho dúvidas sobre alguns pontos.» Dúvidas sobre alguns pontos... Méndez, que se ocupava disso antes dela, necessitou de nada menos do que quatro anos para as dissipar... Depois pu-la a trabalhar na mesa que

está à minha direita. De vez em quando lançava-lhe uma olhadela. Tem umas pernas lindas. Mas não trabalha automaticamente e por isso cansa-se. Além disso é inquieta, nervosa. Creio que a minha superioridade hierárquica (pobre inexperiente) a coíbe um bocado. Quando diz «Senhor Santomé», pestaneja sempre. Não é uma afectação. Bom, sorri agradavelmente. Já é alguma coisa.

Quarta-feira, 13 de Março

Esta tarde, quando cheguei do Centro, Jaime e Esteban estavam a gritar na cozinha. Consegui ouvir que Esteban dizia algo sobre os «pútridos dos teus amigos». Quando ouviram os meus passos, calaram-se e tentaram falar com naturalidade. Mas Jaime tinha os lábios apertados e os olhos de Esteban brilhavam. «O que é que se passa?», perguntei. Jaime encolheu os ombros e o outro respondeu: «Nada que te importe.» Que vontade de lhe pregar uma estalada na boca. Este é o meu filho, este rosto duro, que nada nem ninguém alguma vez tornará mais brando. Nada que me importe. Fui até ao frigorífico e tirei a garrafa de leite, a manteiga. Sentia-me indignado, sufocado. Nada que me importe. Não era possível que ele me dissesse: «Nada que te importe» e eu ficasse muito tranquilo, sem lhe fazer nada, sem lhe dizer nada. Servi-me de um copo grande. Não era possível que ele me tivesse gritado com o mesmo tom que eu devia empregar com ele e, não obstante, não empregava. Nada que me importe. Cada gole de leite fazia-me doer as têmporas. De repente, dei meia-volta e agarrei-o por um braço. «Mais respeito com o teu pai, entendes? Mais respeito.» Era uma idiotice dizê-lo agora, quando o momento já tinha passado. O braço estava tenso, duro, como se, de repente, se tivesse transformado em aço. Ou em chumbo. Doeu-me a nuca quando levantei a cabeça para o olhar nos

olhos. Era o mínimo que podia fazer. Não, ele não estava assustado. Sacudiu simplesmente o braço até se soltar, as abas do nariz mexeram-se e proferiu: «Quando é que cresces?» e foi-se embora, batendo com a porta. A minha cara não devia ter uma expressão muito tranquila quando dei meia-volta para enfrentar Jaime. Ele continuava encostado à parede. Sorriu com espontaneidade e só comentou: «Que maus fígados, velho, que maus fígados!» É incrível, mas nesse preciso instante senti que a raiva me gelava. «É que também o teu irmão...», disse eu, sem convicção. «Deixa-o», respondeu ele, «nesta altura nenhum de nós tem remédio».

Sexta-feira, 15 de Março

Mario Vignale veio ver-me ao escritório. Quer que vá a sua casa na semana que vem. Diz que encontrou fotografias nossas antigas. Não as trouxe, o grande cretino. Constituem, desde logo, o preço da minha aceitação. Aceitei, claro. A quem não atraí o próprio passado?

Sábado, 16 de Março

Esta manhã, o novo – Santini – tentou confessar-se comigo. Não sei o que terá a minha cara, que convida sempre às confidências. Olham para mim, sorriem-me, alguns até chegam a fazer a careta que precede o soluço; depois dedicam-se a abrir o seu coração. E, francamente, há corações que não me atraem. É incrível a impudicícia cómoda, o tom de mistério com que alguns tipos segredam acerca de si próprios. «Porque eu, sabe, senhor, eu sou órfão», disse, logo a abrir, para me constanger à piedade. «Muito gosto, e eu viúvo», respondi-lhe, com um gesto ritual, destinado a destruir aquele impasse.

Na Montevideu cinzenta e conservadora dos anos 1950, Martín Santomé, viúvo, pai de três filhos já adultos, regista no seu diário os poucos meses que o separam da reforma, triste corolário de uma vida rotineira e resignada. A melancolia da sua existência será bruscamente interrompida pela chegada ao escritório de uma nova colega, a jovem e discreta Laura Avellaneda. Entre os dois nasce uma paixão transgressora, que confrontará Santomé com sentimentos inesperados, abrindo um breve horizonte de liberdade e felicidade na sua vida.

Romance emblemático da literatura sul-americana e da obra do autor uruguaio Mario Benedetti, *A Trégua* tece, com fina ironia, sensibilidade e humor, um retrato das relações humanas e um dos mais comoventes enredos das letras contemporâneas.

«É a história trágica de um amor acossado.

Um romance soberbo em registo de diário onde se conta de quão frágil e breve é o estado de felicidade.»

JOSÉ RIÇO DIREITINHO, PÚBLICO

«Neste livro, todos os sentimentos da nossa vida estão elencados, identificados, renomeados, e ao lê-lo, ficaremos surpreendidos por termos realmente sentido tudo o que sentimos.»

ROBERTO SAVIANO



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

cavaloferro

penguinlivro

ISBN: 978-989-583-545-4



9 789895 835454